

# O vencimento da dívida externa

**E**studo do Citibank sobre o vencimento da dívida externa brasileira em 1998 mostra que o País não terá dificuldade em honrar seus compromissos, mesmo levando em conta as dificuldades que possam advir do prolongamento da crise asiática. É preciso esclarecer que a estimativa do Citibank foi feita a partir de dados de setembro do ano passado, e que a margem de segurança com que seus autores trabalharam é grande demais, podendo levar a conclusões pessimistas.

A dívida brasileira é dividida em dois grupos. O primeiro é a dívida de médio e longo prazo, que se chama "dívida registrada". As datas de seu vencimento são conhecidas, embora haja a possibilidade de alguns compromissos vencerem antes do estipulado, pois há contratos com cláusula

permitindo ao credor solicitar a liquidação antecipada do débito. O segundo grupo reúne a dívida de curto prazo, não superior a um ano, também chamada de "dívida não registrada", embora conste dos registros oficiais... A amortização da "dívida registrada", segundo publicação do Boletim do Banco Central de dezembro, chegava a US\$ 12,013 bilhões contra US\$ 22,253 bilhões em 1997. É possível que esse total seja ligeiramente superior, pois os dados divulgados são relativos à dívida registrada até 31 de dezembro de 1996. Ademais, é preciso considerar que além de alguns credores estrangeiros poderem usar a cláusula de liquidação antecipada, poderão ocorrer variações no valor da moeda estrangeira em que a dívida foi contraída, o que será favorável ao Brasil.

Em setembro de 1997, a "dívida não registrada" era de US\$ 33,931 bilhões. Nesse total estão incluídas as operações com o financiamento das importações e adiantamentos de receitas de exportação, com captações de recursos externos, como a chamada "63 caipira" — empréstimos externos para o setor rural — e com os financiamentos para a compra de petróleo, além das linhas de crédito dos bancos. Pode esperar-se que pelo menos a metade desses débitos seja renovada sem dificuldades. Se, por outro lado, levar-se em conta que, com o aumento da presença dos bancos estrangeiros no Brasil, crescerá o montante das linhas de crédito, é lícito considerar que o Brasil não terá dificuldade em respeitar seus compromissos e renovar empréstimos de curto prazo.

A essas amortizações, que o Citibank estima em US\$ 27 bilhões, deve-se acrescentar o déficit do balanço de pagamentos em transações correntes, que poderá chegar a US\$ 31 bilhões. Mais da metade dele será coberta, sem dúvida, por investimentos diretos. Até agora, está-se verificando que o Brasil não tem nenhum problema em captar recursos no exterior na medida em que aceita pagar um juro efetivo maior. Aliás, o aumento das reservas internacionais vem confirmar tal fato.

A situação brasileira é bem mais confortável do que a dos países do Sudeste Asiático. Além de sua dívida de curto prazo ser muito maior, boa parte dela dívida fora contraída para financiar ativos que perderam grande parte do seu valor desde o início da crise. Esse não é o caso do Brasil.